

#cm
2
FIM DE SEMANA



Divulgação

Os melhores filmes de

2026

(até agora)

Com seu **olhar atento**, nosso crítico **Rodrigo Fonseca** selecionou para o Correio os **10 melhores filmes** do primeiro semestre. **Destaque absoluto para** o inquietante **‘Dia D’** (foto) em que **Steven Spielberg** volta a tratar de extraterrestres. **Os nacionais** **‘A Fúria’**, **‘Eclipse’** e **‘Perto do Sol É Mais Claro’** integram a lista. **Páginas 2 e 3**

Hemisfério de encantarias

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num balanço cinéfilo do primeiro semestre de 2026, o Correio da Manhã lista as dez estreias que mais surpreenderam o circuito de janeiro a junho

Nos próximos seis meses e meio, você vai ouvir falar aos montes em “Fjord”, que, rendeu ao romeno Cristian Mungiu sua segunda Palma de Ouro, da mesma forma como, a partir do dia 16 deste mês, “Odisseia”, de Christopher Nolan, não sairá do seu redor, na triagem das pepitas de 2026, nas telas. Por que ambos não estão citados na lista que você encontra nestas páginas do Correio da Manhã, dedicadas ao melhor do primeiro semestre? Por que ambos não entraram em cartaz ainda.

Julho nos deu de presente uma produção turca magistral, que veio laureada com o Grande Prêmio do Júri da Berlinale: “Salvação”, de Emin Alper. Ela vai ganhar um lugar de honra aqui, pois pertence às estreias do mês sete. Sua trama nos leva a uma aldeia remota nas montanhas da Turquia, onde o regresso de um clã exilado reacende uma disputa por terras que se arrasta há décadas. Enquanto antigos ressentimentos voltam à superfície, Mesut (Caner Cindoruk), irmão do líder local, passa a ser atormentado por visões perturbadoras, às vésperas de se tornar pai. Com a certeza de que se tratam de avisos divinos sobre o Demônio, Mesut desafia as autoridades e insurge à frente de uma rebelião armada. O que se vê aí é um debate rico sobre manipulação da lucidez por malversações da fé e sobre intolerância. Imperdível!

Antes de recebermos essa fina flor de Alper, nossos foram contemplados com muita coisa boa de janeiro a junho. A seleção a seguir resume o que se viu de mais vigoroso em nosso circuito nesse período. Vale um adendo: o magistral “Tardes de Solidão” (“Tardes de Soledad”), que foi contemplado com a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián de 2024 e esbanja virtudes para integrar este coletivo, só chegou até nós via streaming. O estudo do catalão Albert Serra sobre o rito da tourada, com foco em práticas machistas e debates sobre virilidade, dá aula de direção, mas não encontrou eco em nossas redes exibidoras. Está na plataforma MUBI. E brilha.

Não estranhe sua ausência e confira as escolhas do Correio, antes de fazer o seu panteão:



Dia D

Universal Pictures



Alpha

Mubi



A Fúria

Divulgação



Uma Infância Alemã

DIA D (“Disclosure Day”), de Steven Spielberg (EUA): O melhor filme do primeiro semestre é assinado por um jovem de 79 anos. Amem-na ou odeiem-na, sua narrativa provoca, inquieta. Suas plateias

racharem em inflamados debates, que vão das fake news à dimensão filosófica da Ufologia, e, no quebrapau, transformaram o regresso do diretor de “Tubarão” (1975) às telas numa coqueluche cinéfila do mo-

mento. Num dado momento de sua trama, o vilão arrepiante (mas humanizado) vivido por Colin Firth, Scanlon, fala que a realidade sobre a presença de óvnis entre nós “é um vírus contra o qual a Humanidade

não tem anticorpos”. A organização que ele lidera, a Wardex, quer manter o planeta na caverna do desconhecimento. Mas um time formado pela apresentadora do tempo Margaret Fairchild (Emily Blunt), o especialista em computação Daniel Kellner (Josh O’Connor, enfim eficaz) e o ativista do livre conhecimento (o tal “disclosure” do título original) Hugo Wakefield (Colman Domingo) vai desafiar a vontade do status quo... do Poder. As sequências de fugam tornam o roer de unhas uma praxe.

ALPHA, de Julia Ducournau (França): Cinco anos depois de ganhar a Palma de Ouro de Cannes com “Titane”, esta realizadora voltou a rachar sentidos, num jorro imagético devastador. Mélissa Boros interpreta a personagem-título, uma adolescente de 13 anos que

passa por uma fase de clamor do sexo, na descoberta do desejo, sob a recorrente tentação de um colega de escola, num momento em que uma doença transmitida pelo sangue destrói multidões pelas ruas, sobretudo dependentes químicos. A peste se chama Vento Vermelho. É difícil não pensar na AIDS ao ver como o contágio se deflagra, por meio de agulhas infectadas. Golshifteh Farahani e Tahar Rahim interpretam um casal de irmãos. A médica vivida por Golshifteh, chamada só de Maman, precisa ajudar o mano Amin (Rahim, em impecável atuação), que o Vento quer levar.

A FÚRIA, de Ruy Guerra (Brasil): Com sintomas plásticos de “Sin City” (2005), em sua forma antinaturalista mediada pelo uso do video mapping (projeção de imagem em larga escala), a parte final da trilogia formada por “Os Fuzis” (1964) e “A Queda” (1978) testemunha a luta do ex-soldado e ex-mestre de obras Mário na peleja por um acerto de contas com dois poderosos que o traíram – e, de forma simbólica, deram uma rasteira no “sonho brasileiro”, a nossa maior ficção. Um deles é seu sogro, hoje um barão da construção civil, Salatiel (Lima Duarte, em estado de graça), bilionário que financia campanhas parlamentares. Um de seus apoiadores é o outro traidor: Feijó, candidato à presidência da Câmara dos Deputados. A atuação de Daniel Filho nesse papel é de um viço raro.

O BOLO DO PRESIDENTE (“Mamlaket al-qasab”), de Hasan Hadi (Iraque): O vencedor da láurea de júri popular de Cannes, em 2025, lembra “O Balão Branco” (1995), pela sua matriz de heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos. Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É o bolo de aniversário para... Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Seu problema: cadê a grana para os ovos, o fermento, o leite? Pior ainda: cadê a dignidade do microcosmos da opressão a seu redor? Tais perguntas rendem peripécias e ínguas geopolíticas, fazendo de um galo um coadjuvante.

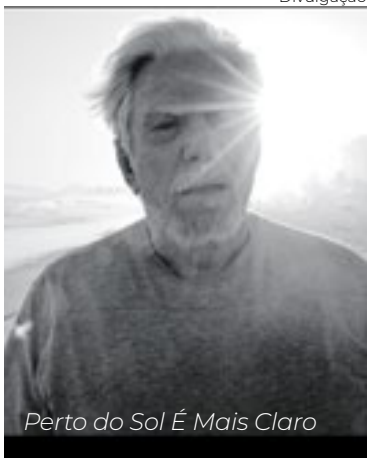
UMA INFÂNCIA ALEMÃ (“Amrum”), de Fatih Akin (Alemanha): Uns 22 anos depois de ganhar o Urso de Ouro com o colosso “Contra a Parede”, o diretor que mais aproximou a Turquia (de seus pais) da Hamburgo onde nasceu e cresceu retorna maduro e preciso com um olhar sobre a II Guerra. Seu enredo remonta aos últimos dias do conflito entre o Eixo e os Aliados, quando o menino Nanning (Jasper Billerbeck), de 12 anos, enfrenta o mar traiçoeiro para pescar e trabalha na fazenda próxima para ajudar sua mãe (Laura Tonke) a sustentar a família. Apesar das dificuldades, a vida na ilha de Amrum parece um



paraíso. Aquele Éden é visto sob a ótica de um garoto que cresceu sob a ideologia do III Reich, no início dos anos 1940, sem saber das atrocidades cometidas por seu país sob o cabresto da SS. Agora, um segredo de família há de abalar a frágil paz do canteiro idílico onde ele vive. Daí surge um drama de despertar delicado.

MICHAEL, de Antoine Fuqua (EUA): Prestes a bater US\$ 1 bilhão em sua arrecadação nas telas, a saga do Rei do Pop, dirigido com todas as manhas melodramáticas

do cineasta por trás da franquia “O Protetor” (2014-2023), firma-se como a biopic (épico biográfico) mais rentável da História, embora tenha vencido o segundo lugar, o oscarizado “Oppenheimer” (2023), só por alguns milhares de dólares. Acusado de suavizar passagens controversas da trajetória de Michael Jackson (1958-2009), a biografia do cantor de “Thriller” e “Beat It” se agiganta na opção por uma linguagem de tons documentais capaz de recriar shows com um realismo que deslumbra a plateia. Colman Do-



mingo causa ódio no papel de Joe Jackson, o pai patrão dos Jackson Five, numa atuação feroz. Já Jaafar Jeremiah Jackson, sobrinho do ídolo, faz bonito ao reviver o tio em sua mocidade cheia de atropelos.

ECLIPSE, de Djin Sganzerla (Brasil): Eis um suspense sensorial febril. Filha da atriz e diretora Helena Ignez e do cineasta Rogério Sganzerla, Djin despontou ainda jovem, em 2003, no elenco de “O Signo do Caos”, e estreou na realização de longas-metragens com “Mulher Oceano”, em 2020, com fôlego autoral para debater identidades femininas. Nesta trama, ela cruza mistério, espiritualidade e investigação. Sua personagem, Cleo, astrônoma grávida, recebe sua meia-irmã indígena, Nalu (Lian Gaia). A visita de sua mana mais moça desencadeia a revelação de segredos familiares e conduz ambas a uma descida à Deep Web, onde passam a investigar Tony (Sérgio Guizé), marido de Cleo, figura envolta numa inquietante duplicidade.

Numa atmosfera de mistério, a produção mantém sua tensão contínua, sustentada pela fotografia rigorosa de André Guerreiro Lopes e pela montagem vibrante, assinada por Karen Akerman e Karen Black.

NATAL AMARGO (“Amarga Navidad”), de Pedro Almodóvar (Espanha): Com a especiaria da autocrítica em sua argamassa, o almodrama da vez parece ser um ensaio ético sobre fontes dramatúrgicas e as fidelidades por ela exigidas, com Bárbara Lennie entre suas mais vívidas exuberâncias. Ela atua num diapasão de ambiguidade, fervendo o caldo de uma investigação sobre os limites entre o privado e o público na construção de uma narrativa. A história dela com um jovem bombeiro e com uma amiga por quem nutre distintos sentimentos parece ser só a invenção de um cineasta (Leonardo Sbaraglia) em busca de um filme para rodar. Ambos os enredos passam a refletir-se num jogo metalinguístico onde realidade, memória, ficção e o próprio Almodóvar se confundem e se imiscuem.

PERTO DO SOL É MAIS CLARO, de Regis Faria (Brasil): Responsável pela direção da pornochanchada inicial de nossa comédia erótica, lá em 1969 (“Os Paqueras”), Reginaldo Faria é um ator de raro carisma, vide “Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia” (1977) e o desempenho como o esboço Marco Aurélio em “Vale Tudo” versão 1988. Já octogenário, ele esbanja viço no papel de um engenheiro de 85 anos abalado com a perda recente de sua esposa, que opta por seguir em frente. A narrativa nos guia por sua rotina solitária, mostrando o apoio dos filhos e sua determinação em escrever um livro. Uma paixão inesperada vai alterar sua rotina.

O OLHAR MISTERIOSO DO FLAMINGO (“La Misteriosa Mirada Del Flamenco”), de Diego Céspedes (Chile): Este ganhador do Prix Un Certain Regard de Cannes recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. Sua diva, Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil. Céspedes evita os códigos convencionais do cinema histórico chileno. Não há preocupação em sublinhar referências oitentistas nem em transformar a ditadura de Pinochet num eixo narrativo explícito. Prefere mostrar as consequências invisíveis de uma sociedade moldada pelo fascismo, sem transformar a memória política em ilustração didática.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Brasil para a degustação do Leopardo de Ouro

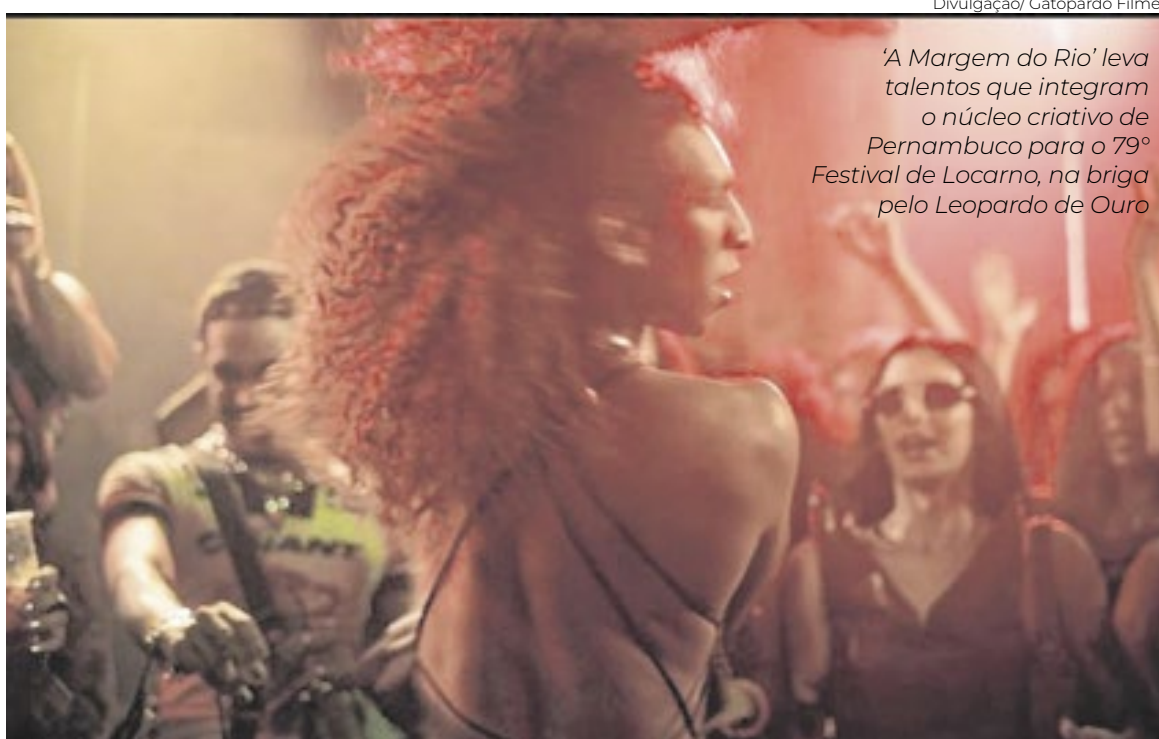
Festival de Locarno reafirma laços históricos com a autoralidade brasileira ao escalar o pernambucano 'A Margem do Rio' em sua disputa principal e acolher longa de Ana Vaz em seção paralela

Em Locarno, o Brasil é de casa, pelo menos nas mostras competitivas do festival que, há quase oito décadas, transforma, a cada mês de agosto, a pequena cidade suíça de língua majoritariamente italiana — situada a cerca de duas horas de Milão — em um dos mais efervescentes polos da cinefilia mundial. Desta vez, ou melhor, uma vez mais, o cinema nacional volta a marcar presença na competição pelo Leopardo de Ouro, prêmio máximo do evento conquistado em 2022 por "Regra 34", da carioca Julia Murat: seu representante na briga por esse troféu, entre 5/8 e 15/8, será "A Margem do Rio".

Ligado à efervescência de Pernambuco nas telas, o longa-metragem é dirigido por Matheus Farias e Enock Carvalho, que filmaram em coprodução com a Alemanha. Essa dupla é responsável por "Caranguejo Rei" (2019) e "Queimando Por Dentro" (2024) e, enquanto construíam uma parceria autoral, os dois integraram a equipe de "Bacurau" (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, experiência decisiva para a formação de um olhar cinematográfico que alia rigor visual, interesse pelas tensões sociais do Nordeste e uma permanente abertura ao fantástico.

Nas primeiras imagens divulgadas no site de Locarno, que descreveu "A Margem do Rio" como um diálogo com o cinema erótico, um jovem de uniforme (Caique Copque) caminha com um carrinho cheio de produtos de limpeza até um local onde uma água caindo compulsivamente num escoadouro gradeado evoca um clima de mistério. Ítalo Martins, Artia Lauandah, Renna Costa, Robério Diógenes e Ísis Broken integram o elenco dessa narrativa de forte dimensão sensorial, que parece confirmar o interesse autoral de Farias e Enock por personagens em conflito com a paisagem e com a própria identidade. A presença do filme na competição internacional reafirma a força da produção nordestina num dos festivais mais prestigiados do circuito autoral.

Integrante do chamado G7 dos grandes festivais internacionais — ao lado de Cannes, Veneza, Berlim, Roterdã, Toronto e San Sebastián —, Locarno mantém uma longa relação com o cinema brasileiro. Julio Bressane passou mais de uma vez pelo evento, enquanto "Pixote — A Lei do Mais Fraco" conquistou ali, em 1981, o Leopardo de Prata, primeiro grande reconhecimento internacional da obra-prima de Hector Babenco. Três anos depois, Murilo Salles recebeu o Leopardo



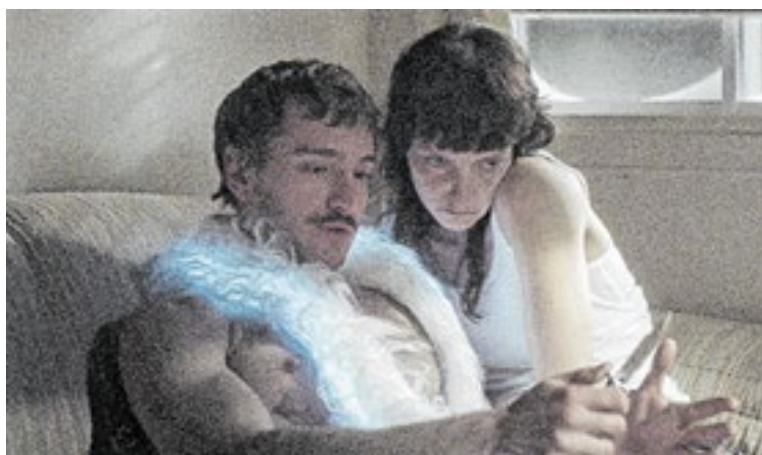
Divulgação/Gatopardo Filmes

'A Margem do Rio' leva talentos que integram o núcleo criativo de Pernambuco para o 79º Festival de Locarno, na briga pelo Leopardo de Ouro



@tambores, a noite e Les Vulcans

"Hanabi" leva Ana Vaz à mostra Cineasti Dei Presente



Voyelles Films

"Violence du Corps de l'Autre", de Denis Côté, do Canadá

de Bronze por "Nunca Fomos Tão Felizes". Já neste século, o festival premiou produções como "Luz nas Trevas" (2010), de Helena Ignez, "Era Uma Vez Brasília", de Adirley Queirós, "As Boas Maneiras", de Juliana Rojas e Marco Dutra, e "A Febre", de Maya Da-Rin, consolidando a cidade suíça como uma das mais receptivas vitrines internacionais para a inventividade do cinema brasileiro. Giona, desde que assumiu a chefia dessa maratona, deu a maior moral para nossos filmes, destacando-se o fato de

que, em sua primeira edição como gestor, o curta-metragem carioca "Fantasma Neon", de Leonardo Martinelli, foi laureado.

Contam-se nos dedos os diretores artísticos de festivais — sobretudo daqueles classificados como de categoria AA — capazes de discorrer com igual entusiasmo sobre o cinema chinês mais radical e, na frase seguinte, citar um título pouco lembrado da filmografia de Sylvester Stallone, como "F.I.S.T." (1978), drama sindical dirigido por Norman Jewison. Giona A. Nazzaro

é um deles. Crítico, pesquisador e curador apaixonado, ele reinventou Locarno desde que assumiu sua direção artística, em 2021, enfrentando um desafio cronológico que poucos conseguiriam contornar: situado entre Cannes e Veneza no calendário internacional, o festival costuma perder filmes tanto para quem disputa a Palma de Ouro quanto para quem prefere estrear em busca do Leão de Ouro. Ainda assim, graças à sua capacidade diplomática e ao prestígio conquistado junto à comunidade cinematográfica, Nazzaro fez de Locarno um destino obrigatório para autores como Aleksandr Sokurov, Lav Diaz, Naomi Kawase, Wang Bing e Radu Jude, além de ter convencido Brad Pitt a abrir a edição de 2022 com "Trem-Bala". Admirador confesso de Rogério Sganzerla, ele explicou ao CORREIO DA MANHÃ, logo após assumir o cargo, que "uma curadoria pode ser tudo, menos chata e previsível".

Foi exatamente essa filosofia que orientou a seleção da 79ª edição, marcada para acontecer entre 5 e 15 de agosto. O festival recebeu um recorde de 7.759 inscrições — QUASE 22% a mais do que em 2025 — e escolheu 233 filmes, sendo 103 estreias mundiais, oriundos de 69 países. Entre os 16 concorrentes de "A Margem do Rio", estão Hong Sang-soo, Denis Côté, Florin erban, Gurvinder Singh, Salvatore Mereu e Basil Da Cunha (realizador luso-suíço).

O Brasil amplia sua presença em Locarno também por meio da mostra Cineasti del Presente, dedicada

CONCORRENTES AO LEOPARDO DE OURO

- "A Margem do Rio", de Matheus Farias e Enock Carvalho (Brasil/Alemanha);
- "Alberi Erranti", de Salvatore Mereu (Itália);
- "Brave New Love", de Maria Bäck (Dinamarca/Suécia/Grécia);
- "D'Ici Là", de Sarah Leonor (França);
- "I Rarely Wake Up Dreaming", de Isabelle Stever (Alemanha/Ucrânia);
- "Ketticè", de Giovanni Tورتori (Itália);
- "Lejos de los Árboles", de Meritxell Colell Aparicio (Espanha/Peru/Itália);
- "Manhunt", de Wayne Wapeemukwa (Canadá);
- "Nu e Locul Tu Aici", de Florin erban (Romênia);
- "Nun Dul Dega Eom-ne (Nowhere to Lay My Eyes)", de Hong Sang-soo (Coreia do Sul);
- "O Jacaré", de Basil Da Cunha (Suíça/Portugal);
- "Objet A", de Ann Oren (Alemanha/Luxemburgo/Grécia);
- "Princesa Burro", de Cristóbal León e Joaquín Cociña (Chile/França/Uruguai/Países Baixos/Alemanha);
- "Rehmat", de Gurvinder Singh (Índia/França);
- "The House on the Moon", de Nelson Yeo (Singapura/Taiwan/Alemanha/Indonésia);
- "Thính Giác (Hearing)", de Lê Bo (Vietnã/Singapura/Noruega/França/Indonésia/Arábia Saudita/Camboja/Tailândia/Taiwan);
- "Violence du Corps de l'Autre (Nobody's Violence)", de Denis Côté (Canadá).

a primeiros e segundos longas-metragens, onde entrou Ana Vaz, com "Hanabi (Fire Flower)". Sua inclusão reafirma a força de uma realizadora que vem construindo uma das filmografias mais experimentais e prestigiadas da produção contemporânea. A Piazza Grande, montada ao ar livre, exibirá o thriller "Paper Tiger", de James Gray, que tem Rodrigo Teixeira como produtor. Já na seção Fuori Concorso, o destaque é a estreia mundial de "Seize Moments de Ma Vie", novo trabalho do catalão Albert Serra, um dos cineastas mais influentes do cinema europeu contemporâneo.

‘O Convite’ de honra é para Cesc Gay

Filme de Olivia Wilde com elenco em estado de graça leva aos EUA peça teatral do catalão que dirigiu ‘Truman’, cuja dramaturgia inspira versão com Marisa Orth e Falabella em Lisboa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Exercício de delicadeza de uma cineasta em evolução, vinda de “Fora de Série” (2019) e “Não Se Preocupe, Querida” (2022), a dramédia “O Convite” (“The Invite”) amplia (... e um bocado) o espaço conquistado pela atriz Olivia Wilde para usar as ferramentas da direção em prol de um cinema adulto. Sua obra, calcada na palavra, tem geometrias mais próximas do teatro (espaços fechados qual um palco) e foco em quiproquós morais.

É uma história sobre dois casais num jantar onde falta vinho e a comida não corresponde às restrições alimentares de uma das suas convidadas. É um jantar entre vizinhos. É um jantar fomentado pelo fato de os moradores do andar de cima transarem feito coelhos... ruidosamente... e os anfitriões não se tocarem mais. No piso de baixo vivem o professor de Música Joe e sua esposa, An-

gela (hoje uma dona de casa), com uma filha de 12 anos, que nunca vemos. Em cima, moram a sexóloga espanhola Pina e o bombeiro Hawk. Respectivamente, o elenco que dá vida a essas figuras inclui Seth Rogen, a própria Olivia, uma Penélope Cruz de cabelos louros e um Edward Norton em estado de graça.

No pavimento dessa experiência sobre escuta, num tempo de ruídos, está um dos dramaturgos de maior viço do teatro popular nos anos 2010 e 2020: o catalão Cesc Gay, artista que faz do cotidiano um campo de batalha.

“Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou da euforia”, disse Cesc, ao Correio a Manhã, numa entrevista por telefone ao levar ao Festival de San Sebastián seu filme “Sentimental” (2020), adaptação da peça de sua autoria “Els Veïns De Dalt” (“Los Vecinos De Arriba”), que serviu de base para “O Convite”.

Neste exato momento, há uma outra versão dela em curso na Bélgica, “De Bovenburen”,

Cesc Gay: ‘Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou da euforia’



Ulises Proust/SSIFF

CRÍTICA FILME | O CONVITE

por RODRIGO FONSECA

Um tiquinho antes de começar a pandemia, o texto teatral “Els Veïns De Dalt” lotou sessões a granel em Buenos Aires ao ser encenado com Diego Peretti, sob o título “Los Vecinos De Arriba”, proliferando-se cinema adentro, depois de ser filmada pelo próprio Cesc Gay.

A versão americana, lançada em janeiro no Festival de Sundance, foi idealizada em 2022 e teria o casal Valerie Faris e Jonathan Dayton como seus realizadores, trabalhando com base em um roteiro concebido pela atriz Rashida Jones e o ator Will McCormack.

Originalmente, a trupe deles contaria com Amy Adams, Paul Rudd e Tessa Thompson. Depois de atrasos no processo de desenvolvimento do projeto, que se estenderam por três anos, Olivia Wilde apareceu e quis filmar,

além de atuar, trazendo consigo o canadense Seth Rogen, um comediante e produtor hoje no ápice do prestígio por conta da série “O Estúdio”. Com ele vieram Penélope Cruz e Edward Norton, a injetar frescor no quadro de desajustes e desatenções pintado por Cesc ao retratar falta de empatia nas relações.

Além de Rogen, Olivia importou de “O Estúdio” o diretor de fotografia Adam Newport-Berra, que lhe oferece elegância sinuosa em sua narrativa de planos e contraplanos. A montagem de Yorgos Mavropsaridis e Anthony Boys também amacia

Pitadas de dor num cardápio sem estereótipos



Sundance Institute

Os casais Seth Rogen e Olivia Wilde mais Penélope Cruz e Edward Norton em ‘O Convite’

a engenharia de observação de falências que a dramaturgia oferece ao perceber o ódio acumulado entre Joe e Angela (papéis de Rogen e Olivia) ao longo de anos de indelicadezas e omissões.

O arquétipo da latina em chamas que Penélope descasca, ao viver Pina, salva-se do estereótipo, desgrudando-se de um lugar comum histórico, na sagacidade de sua estrela ao driblar chavões.

com direção de Simone van Dusseldorp, e há uma adaptação em filmagem em Portugal, com o título “O Pecado Mora Em Cima” e direção de Rui Pedro Sousa. Sabe quem está cena? Os eternos Caco Antibes e Magda: Miguel Falabella e Marisa Orth.

Hoje com 59 anos, Francesc Gay i Puig é conhecido entre a cinefilia brasileira por “Truman”, de 2015, em que um Ricardo Darín no fim da vida conta com a ajuda de um amigo (Javier Cámara) para encontrar um lar para seu cão. Faturou uma baba com esse longa (US\$ 9 milhões, cerca de três vezes mais do que custou) e ainda ganhou o troféu Goya (o Oscar da Espanha) de Melhor Direção. Antes, em 1998, junto com o argentino Daniel Gimelberg, ele fez sua estreia na tela grande, ao rodar “Hotel Room”. Em 2000, foi escolhido para transpor o espetáculo “Krámpack – Descobrimos o Prazer” para o cinema e acabou sendo laureado em Cannes, com o Prêmio da Juventude, por sua abordagem do amadurecimento. “Todo assunto que é tabu precisa ser visto numa dinâmica que equilibre riso e dor, sob os vínculos do companheirismo”, disse Cesc, ao exibir “Histórias Que É Melhor Não Contar” (2022) em San Sebastián.

Seu longa mais recente, “53 Domingos”, também de matriz teatral, estreou este ano na Netflix. Na trama, três irmãos se reúnem para ajudar o pai de 86 anos, que mora sozinho e começou a apresentar um comportamento estranho. Segue inédito por aqui seu delicioso “Mi Amiga Eva”, de 2025, que é um aulão de perseverança.

A sequência acerca da pronúncia da palavra flan é um achado. Norton se agiganta também, só que mais pelos gestos, criando um sedutor plácido, que sabe usar a vulnerabilidade a seu favor. O estudo autoral de Cesc sobre os engasgos da masculinidade encontram nele tradução fina e acham em Rogen o Elo Perdido da virilidade. O musicista vivido por ele é pura queda, é só hipocrisia.

Esses sensos sobre identidade sexuais, que eram hilários no longa “Sentimental”, dada a comichidade natural de Cesc encontram contornos mais rascantes (e dolorosos) na releitura de Olivia, que tem na trilha sonora de Devonté Hynes um analgésico. O emprego da canção “Our House”, de Crosby Stills Nash and Young, é o golpe de misericórdia do longa.



'Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois' correu o mundo à força do carisma de Sabrina Greve

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Transformada numa espécie de cinematoteca viva, com sessões diárias de produções nacionais, a TV Brasil agendou uma jornada aos infernos do horror psicológico para a madrugada de domingo para segunda-feira, à 0h30 do dia 13 de julho, com a transmissão de "Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois" (2015).

O cult do cearense Petrus Cariry chega à programação da emissora como um exemplo de dramaturgias regidas pelo medo que transformam traumas familiares em matéria-prima para narrativas de apelo sensorial e visual pulsante.

Depois de circular por festivais no Brasil e no exterior, com passagens por eventos na Argentina, no Uruguai e na Índia, o longa tornou-se um marco da produção cearense contemporânea ao aproximar o cinema de autor de uma sofisticada investigação sobre os mecanismos do medo.

Em vez dos sustos convencionais, Cariry constrói uma atmosfera em que a angústia nasce da memória, do silêncio e das feridas emocionais. Ilustra a evolução do Ceará em suas gramáticas audiovisuais mais radicais, que vem desde as pesquisas estéticas abertas naquele estado por Petrus (a partir de "O Grão", em 2007) e pelo coletivo Alumbamento, com "Estrada Para Ythaca" (2010).

O Ceará tem sido presença constante nos maiores festivais do planeta, vide a escalção de "Motel Destino", de Karim Aïnouz, para concorrer à Palma de Ouro de Cannes, em 2024. Em fevereiro, a Berlinale dedicou uma láurea da imprensa alemã a "Fiz um Foguete Imaginando que Você Vinha", da diretora Janaína Marques, que venceu o Olhar de Cinema de Curitiba, num placar que aumenta o saldo de gols cearense.

Horror

à moda cearense na telinha

Disposta a formar plateias com projeções diárias de filmes nacionais, a TV Brasil mergulha no universo de Petrus Cariry com 'Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois', que rodou o mundo



Petrus Cariry, cineasta

"Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois" passou por festivais na Índia, Argentina, Polônia, Iraque, Chile, Lituânia, Portugal e Equador. Ganhou láureas em pelo menos dez desses eventos, entre eles o prêmio de Melhor Filme no Rojo Sangre, de Buenos Aires. O Cine Ceará deu a sua láurea de Melhor Atriz para Sabrina Greve, por sua atuação estonteante.

Clarisse, sua personagem, retorna à antiga casa da família para visitar o pai, gravemente enfermo. O reencontro com o espaço da infância desperta lembranças e segredos que haviam permanecido enterrados durante anos. Aos

poucos, a protagonista mergulha num ambiente sufocante, em que realidade, desejo e culpa passam a se confundir. Vale destacar o trabalho de Eraldo Pontes, ator recorrente de Petrus e de seu pai, Rosemberg Cariry.

Mais do que recorrer às convenções do terror, o diretor utiliza o gênero como ferramenta para investigar a deterioração das relações familiares. A frase que sintetiza a jornada da personagem poderia ser: quando a dor se torna maior do que o desejo, o próprio corpo deixa de suportar o peso da existência. É dessa tensão que nasce o desconforto permanente que conduz o espec-

tador durante toda a narrativa.

A fotografia, assinada pelo próprio Cariry, reforça esse sentimento. Cada enquadramento explora a decadência da velha residência como uma extensão da mente da protagonista, transformando corredores, portas e sombras em elementos dramáticos. A construção visual aproxima o filme de um terror mais elegante do que a média nacional do gênero, mais interessado na sugestão do que no impacto imediato.

Há ecos do cinema de Andrei Tarkóvski na contemplação do tempo e da paisagem, assim como referências ao terror antropomórfico de Jacques Tourneur

(1904-1977) e ao cult "Possessão" (1981), de Andrzej Zulawski (1940-2016). Ainda assim, o resultado preserva identidade própria ao inserir essas influências num universo profundamente brasileiro, marcado pela aristocracia rural em decadência e pelos fantasmas da memória familiar. Reator nuclear do longa, Sabrina conduz com destreza os rumos de uma personagem que oscila entre a fragilidade e a violência interior.

Ao lado de títulos como "Mãe e Filha" (2011), "O Barco" (2018) e "Mais Pesado É O Céu" (2023), "Clarisse ou Alguma Coisa Sobre Nós Dois" confirma Petrus Cariry como um dos realizadores mais inventivos do cinema brasileiro contemporâneo, capaz de transformar questões íntimas em experiências cinematográficas de rara potência estética. "Entre Os Dias" é seu projeto atual.

A programação da TV Brasil para o fim de semana, que acolhe Petrus, reserva lugar nobre para outros destaques de nosso cinema. Nesta sexta-feira, às 21h, a emissora apresenta "Cacaso na Corda Bamba", drama sobre a trajetória do poeta Antonio Carlos de Brito durante a ditadura militar, seguido, às 22h45, pela comédia dramática "Depois Daquela Festa", de Caio Scot. Para este sábado, entram em cartaz o romance "Dolores. Uma Mulher, Dois Amores", às 16h, o curta "Entre, Lua, a Casa É Sua", às 17h45, e o documentário "Um Filme de Cinema", de Walter Carvalho, às 21h.

Já para este domingo, dia 12, a faixa de cinema começa às 16h com o documentário "Swingueira", dedicado às competições de dança das periferias de Fortaleza. Às 21h30, a emissora exibe o inédito "Amor Rebelde", sobre um casal de ex-integrantes das Farc que tenta reconstruir a vida após o conflito colombiano. Na sequência, às 23h, vai ao ar o faroeste nordestino "Como Vivem os Bravos". É um cardápio de brasilidade plural.

A mostra destaca essa multiplicidade reunindo obras que refletem particularidades culturais ao mesmo tempo em que exploram temas universais como identidade, resistência e esperança



A arte que pulsa na cidade

Exposição 'Frequências Urbanas' promove diálogo entre artistas de rua do Brasil e do mundo

AFFONSO NUNES

A Caixa Cultural Rio de Janeiro abre nesta sexta-feira (10) a exposição "Frequências Urbanas – Uma voz única no diálogo coletivo", que reúne artistas de rua brasileiros e internacionais em um espaço de troca sobre arte urbana contemporânea. A mostra, que já passou por Brasília, chega à Unidade Passeio com um panorama da cena global da chamada street art.

A exposição revisita um projeto de dez anos atrás: "Street Art - Um Panorama Urbano". Desta vez, propõe um diálogo entre tradições locais e tendências contemporâneas, abordando identidade, ancestralidade, resistência e esperança.

Entre os internacionais estão eL Seed, franco-tunisiano conhecido pelo "calligraffiti", que une caligrafia árabe e graffiti; Kouka Ntadi, franco-congolês

que trabalha com narrativas sobre origem e identidade; Rero, francês que utiliza tipografias para questionar a sociedade de consumo; e o Inside Out Project de JR, que transforma retratos em ferramentas de mobilização social em 150 países.

A representação brasileira inclui Cripta Djan, figura central na pichação paulistana; Beto Gatti, que investiga tecnologia e psicologia humana; Kássia Borges, que integra cerâmica Karajá com pintura contemporânea; Gugie Cavalcanti, focada em muralismo e protagonismo feminino; e Luisa Pimenta, que explora memória coletiva.

A curadoria é de Rero e Marco André Tosath, curador com mais de 18 anos de trajetória nas artes visuais brasileiras. Tosath é cofundador da Homegrown Galeria e do festival Arte Core, realizado oito vezes no MAM-Rio.

Segundo Tosath, a mostra reúne obras que refletem particularidades culturais e exploram

temas universais. "Ao construir pontes entre tradições locais e tendências contemporâneas, os artistas estabelecem conexões profundas com os visitantes", afirma.

"Frequências Urbanas se posiciona como uma encruzilhada vibrante onde artistas de diversas origens se encontram para celebrar a essência da arte urbana. Cada artista traz sua voz única enquanto participa de um diálogo coletivo", resume Rero.

A mostra convida à reflexão sobre temas urgentes: mudanças climáticas, desigualdades sociais e resgate de memórias ancestrais. Entre as ativações está um painel criado por JR com fotografias do público na abertura.

SERVIÇO

FREQUÊNCIAS URBANAS

Caixa Cultural RJ – Unidade Passeio (Av. Rio Branco, 925 – Centro)

De 10/7 a 20/9, de terça a domingo (10h às 20h)
Grátis



SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

TEATRO

Instituto Arte Jovem

✱ O Instituto Arte Jovem apresenta, nos dias 11 e 12 de julho, na Sala Martins Pena do Teatro Nacional Cláudio Santoro, o espetáculo Instituto Arte Jovem – 10 Anos: O Melhor de Uma Década em Cena. A montagem reúne alunos, educadores e convidados em uma retrospectiva com música, dança e canto. Criado em 2016, o instituto atende cerca de 560 crianças e jovens no Distrito Federal. A entrada é gratuita, com reservas pelo perfil @institutoartejovem.

“Faz escuro, mas eu vejo”

✱ O 4º Festival de Cultura Inclusiva do Distrito Federal apresenta, em 29 de julho, o espetáculo Faz escuro, mas eu vejo, na Sala Multiuso Tullio Guimarães, no Espaço Cultural Renato Russo. A montagem reúne participantes com e sem deficiência e é resultado das oficinas de teatro, figurino e cenografia promovidas pelo festival. Haverá sessões às 15h, para estudantes de escolas públicas, e às 19h. A entrada é gratuita.



Divulgação

Instituto Arte Jovem celebra 10 anos com espetáculo especial no Teatro Nacional

MÚSICA

Paula Torelly lança EP

✱ A cantora Paula Torelly apresenta, em 24 de julho, o show de lançamento do EP Utopia Tropical, no Eye Patch Panda, na Asa Sul. A apresentação começa às 21h30, com abertura da casa às 19h. O repertório reúne músicas do novo trabalho e releituras de ritmos brasileiros e latino-americanos. A programação inclui ainda discotecagem dos DJs B.O e Sista L. As cortesias podem ser retiradas pela plataforma Sympla, sujeitas à lotação do espaço.

Ópera “Condor”

✱ A Cia. de Cantores Líricos de Brasília apresenta a ópera Condor, de Antônio Carlos Gomes, nos dias 18 e 19 de julho, às 19h, no Teatro Levino Paulo Alcântara, da Escola de Música de Brasília. Com entrada gratuita, o espetáculo traz adaptação inédita na capital e conta com acessibilidade em Libras e audiodescrição. A montagem narra a história do líder rebelde Condor e da rainha Odalea.

Chris Dantas em turnê

✱ A cantora Chris Dantas apresenta, em agosto, a turnê Íntima Paisagem, com shows em Brasília e no Rio de Janeiro. O projeto



Divulgação

Oficina gratuita de teatro abre inscrições para jovens no DF

reúne música brasileira, gastronomia e experiências em espaços como teatros, restaurantes e vinícolas. A programação inclui apresentações na Casa Thomas Jefferson, Restaurante Lilie, Vinícola Ercoara e Casa Azul, na capital federal. O repertório tem como referência a obra de Tom Jobim, com acompanhamento do maestro e pianista Wellington Barros.

Circulação nacional

✱ A circulação nacional Pé de Cerrado 25 Anos chega à Vila de São Jorge, na Chapada dos Veadeiros, em 11 de julho, às

19h30, com entrada gratuita. A programação reúne o espetáculo Os Brincantes, do Grupo Cultural Pé de Cerrado, além de apresentações do Maracatu Semente de Buriti, Cantadô de Babaçu e um show de forró com Lua Castanho e Conrado Pera. A turnê celebra os 25 anos do grupo e integra o Programa Petrobras Cultural.

PROJETO

Oficina gratuita de teatro

✱ O Pontão de Cultura MAPATI está com inscrições abertas para uma oficina gratuita de



Cristiano Costa

Ator e diretor André Araújo ministra oficina de teatro

teatro destinada a jovens de 9 a 15 anos. As atividades serão realizadas de segunda a quinta-feira, das 14h às 16h30, até 29 de julho, no Espaço Cultural MAPATI, na Asa Norte, em Brasília. A formação inclui jogos cênicos, expressão corporal e exercícios de interpretação. As vagas são limitadas, com confirmação após análise das inscrições. A iniciativa busca ampliar o acesso à formação artística e às atividades culturais.

Curso teatral gratuito

✱ O ator e diretor André Araújo está com inscrições abertas

para a terceira edição do curso gratuito de teatro Taguá em Cena, voltado a moradores de Taguatinga e região com idade mínima de 15 anos. As matrículas podem ser feitas até 13 de julho. As aulas começam em 14 de julho e serão realizadas às terças e quintas-feiras, das 19h às 22h, no Centro Cultural Recita.

EXPOSIÇÃO

Yoshitaka Amano

✱ O CCB Brasília recebe, de 17 de julho a 1º de novembro, a exposição Yoshitaka Amano – Além da Fantasia, com

OPÇÕES DE LAZER

POR; REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Don Romano celebra o Dia da Pizza



CCBB traz para Brasília maior exposição de Yoshitaka Amano realizada no Brasil



Chris Dantas leva turnê a Brasília e RJ



“Pé de Cerrado 25 Anos”



Festival Nossas Raízes em Planaltina

218 obras originais do artista japonês. A mostra reúne pinturas, ilustrações e objetos que apresentam diferentes fases da carreira de Amano, conhecido por trabalhos em animações, videogames e quadrinhos. A programação inclui uma instalação imersiva inspirada na série Devaloka. A visitação é gratuita.

Expo Gospel

✱A Expo Gospel Brasília será realizada de 9 a 11 de julho, no estacionamento do Estádio Rorizão, em Samambaia, com entrada gratuita. O festival reúne shows de artistas gospel, como

PG e Disco Praise, além de apresentações de músicos do Distrito Federal. A programação inclui feira de gastronomia, artesanato e espaço para empreendedores locais. O evento contará com estrutura de acessibilidade, intérpretes de Libras e medidas voltadas à segurança e ao acolhimento do público.

FESTIVAL

Festival Nossas Raízes

✱O Complexo Cultural de Planaltina recebe, nos dias 18 e 19 de julho, a segunda edição do Festival Nossas Raízes. Com

entrada gratuita, o evento reúne shows, oficinas e apresentações de samba, choro e forró. A programação inclui atividades formativas a partir das 14h e apresentações musicais a partir das 18h. As inscrições para as oficinas, destinadas a participantes com 16 anos ou mais, serão disponibilizadas pelo perfil @nossasraizesfestival.

Festival do Japão

✱O Boulevard Shopping Brasília recebe, até 31 de julho, o Festival do Japão, com entrada gratuita. Realizado na Praça Central, o evento reúne gastronomia, pro-

dutores típicos e artigos ligados à cultura japonesa. O público poderá conhecer doces, bebidas, lãmen, itens decorativos e colecionáveis. A programação acontece de segunda a sábado, das 10h às 22h, e aos domingos e feriados, das 12h às 20h, durante o horário de funcionamento do shopping.

Arraiá do Porão do Rock

✱O Porão do Rock promove, em 12 de julho, a primeira edição do Arraiá do Porão, no Complexo Cordel, no Park Way. A programação reúne shows das bandas Contralimbo, Madame Bovary, Os Gatunos e do cantor Dupê, além de apresentações do DJ Maraskin.

CINEMA

Sessões temáticas

✱O Cine Brasília recebe até o dia 15 de julho, uma programação com estreias nacionais e internacionais, sessões temáticas e exposições gratuitas. Entre os destaques estão Uma Infância

Alemã, de Fatih Akin, O Sol Nasce Para Todos e Um Triste e Belo Mundo. A agenda inclui ainda a Sessão Circuitão com Mestres do Universo, Sessão Atípica com Toy Story 5, Sessão Acessível, Mostra Maria Maia, lançamento do documentário Nós e a exibição do curta brasileiro Hacker Leonila.

GASTRONOMIA

Especial do chef

✱O Bla's Cozinha Criativa, na 406 Norte, lançou novos pratos e um menu em até três etapas, com opções a partir de R\$ 59,90, assinados pelo chef Gabriel Blas.

Dia da Pizza

✱A pizzaria Don Romano celebra o Dia da Pizza, hoje, com destaque para sabores tradicionais e especiais do cardápio. Com unidades no Lago Sul, Asa Norte e delivery em Águas Claras, a casa oferece opções como Calabresa, Margherita, Caprese e Cocó, preparadas em forno a lenha.

Artista galesa, que marcou a história da música com sucessos como 'Total Eclipse of the Heart' e 'Holding Out for a Hero', morreu após complicações de um tratamento de saúde iniciado em maio

Bonnie Tyler não completou a recuperação de uma cirurgia nas cordas vocais e ficou com uma rouquidão permanente, que acabou tornando sua marca registrada

Morre Bonnie Tyler, aos 75

AFFONSO NUNES

A cantora galesa Bonnie Tyler, conhecida mundialmente pelos sucessos "Total Eclipse of the Heart", "Heartache" e "Holding Out for a Hero", morreu aos 75 anos. A informação foi confirmada por meio de um comunicado divulgado no site oficial da artista. Ela estava internada em um hospital de Portugal desde maio, após passar por uma cirurgia intestinal de emergência.

Segundo a nota publicada por sua equipe, Bonnie Tyler morreu na noite de quarta-feira (8), em decorrência da doença que vinha tratando nas últimas semanas.

"A família e a equipe de Bonnie estão desoladas ao anunciar que ela faleceu inesperadamente na noite passada, em um hospital em Portugal, em decorrência da doença pela qual estava sendo tratada", informou o comunicado oficial.

A equipe também pediu respeito ao momento vivido pelos familiares. "Emitiremos um novo comunicado em breve, mas, por enquanto, pedimos privacidade para lidar com esta tragédia", concluiu a nota.

Nascida como Gaynor Hopkins, em 8

de junho de 1951, no País de Gales, Bonnie Tyler iniciou sua trajetória artística interpretando músicas de country rock e rock. O rumo da carreira mudou em 1977, quando passou por uma cirurgia para retirar nódulos nas cordas vocais.

Após o procedimento, a cantora não seguiu integralmente o período recomendado de repouso vocal e desenvolveu uma rouquidão permanente. A característica acabou se transformando em uma de suas principais marcas, tornando sua voz facilmente reconhecida pelo público. As comparações com o astro escocês Rod Stewart, cantor de timbre rouco, eram inevitáveis.

Embora já acumulasse sucesso na Europa, foi em 1983 que Bonnie Tyler conquistou projeção internacional com "Total Eclipse of the Heart". A canção vendeu na ocasião mais de 6 milhões de cópias e alcançou o primeiro lugar na Billboard Hot 100, nos Estados Unidos, e consolidou a artista como um dos grandes nomes da música pop da década, rendendo a ela indicação ao Grammy.

O êxito também lhe garantiu feitos históricos no Reino Unido, incluindo o posto de primeira cantora galesa a alcançar o topo da parada de singles

britânica e a primeira artista britânica a estreitar um álbum diretamente na liderança do ranking de discos.

No ano seguinte, Bonnie voltou às paradas com "Holding Out for a Hero", faixa que integrou a trilha sonora do filme Footloose (1984). Décadas depois, a música ganhou novo impulso ao fazer parte da trilha de Shrek 2 (2004), tornando-se um clássico conhecido por diferentes gerações.

Mais de quatro décadas após seu lançamento, "Total Eclipse of the Heart" voltou a fazer história. Em janeiro deste ano, a música ultrapassou 1 bilhão de reproduções no Spotify, entrando para o seleto Billions Club — grupo reservado às faixas que atingiram esse patamar na plataforma.

Mas o sucesso de Bonnie Tyler no streaming vai muito além de um único hit. Antes de sua morte, a cantora acumulava cerca de 17,5 milhões de ouvintes mensais e 2,6 milhões de seguidores no Spotify. Segundo dados divulgados pela plataforma no início deste ano, o catálogo da artista gerou US\$ 2,7 milhões em pagamentos a detentores de direitos autorais nos últimos dois anos.

A fortuna da cantora era estimada em

US\$ 40 milhões pelo site especializado Celebrity Net Worth. Seu patrimônio foi construído com vendas de discos, turnês e a exploração comercial de um catálogo que seguiu gerando receitas décadas após seus maiores sucessos.

Outro clássico de sua carreira, "It's a Heartache", também ultrapassou a marca de 6 milhões de cópias vendidas. Lançada em 1977, a música alcançou o terceiro lugar na Billboard Hot 100.

Ao longo da trajetória, Bonnie Tyler recebeu três indicações ao Grammy, representou o Reino Unido no Eurovision em 2013 e foi condecorada como membro da Ordem do Império Britânico por seus serviços à música.

A cantora estava hospitalizada desde maio, quando precisou ser submetida a uma cirurgia intestinal de emergência. Durante o tratamento, Bonnie Tyler chegou a ser colocada em coma induzido, conforme informações divulgadas pela imprensa internacional.

Na ocasião, um porta-voz da artista pediu respeito ao momento enfrentado pela família e afirmou que todos esperavam por sua recuperação. Entretanto, o estado de saúde se agravou, culminando na morte confirmada pela equipe oficial.

AFFONSO NUNES

O projeto “Tudo é Som!”, que funciona como um laboratório de encontros e improvisos musicais no palco do Manouche recebe nesta sexta-feira (10) o contrabaixista, arranjador e compositor Jorge Helder. A noite será dedicada ao repertório de dois gigantes da música brasileira: Chico Buarque e Djavan, em um formato voltado para o jazz.

Jorge Helder é figura central na música brasileira, ainda que nem sempre em primeiro plano. Cearense radicado no Rio desde 1986, ele acumula mais de 40 anos de carreira e uma presença constante em projetos de estúdio e turnês dos maiores nomes da MPB. Seu contrabaixo aparece em mais de 350 gravações, em álbuns de artistas como Caetano Veloso, Gal Costa, Roberto Carlos, Elza Soares e tantos outros que formam o panteão da música popular brasileira.

Essa atuação contínua o transformou em um dos instrumentistas mais requisitados do país — tanto que Maria Bethânia costuma apresentá-lo ao público como “o baixo mais disputado do Brasil”, epíteto que ganhou desde a turnê “Cartas de Amor”, em 2013.

Contrabaixistas não costumam ser protagonistas de formações musicais. Suas notas soam imperceptíveis a ouvidos desatentos, mas pontuam a harmonia de um conjunto, ditando os tempos de som. E Jorge Helder é um mestre neste ofício. Com seu jeito simples e tímido, de espectro franzino em contraste com o 1,80 metro do instrumento que toca, ele se tornou realmente uma preferência nacional tanto nos palcos como nos estúdios. É conhecido pela disciplina: chega sempre 15 minutos antes dos ensaios e garante não fazer bagunça. “Só depois do trabalho”, costuma brincar.

A parceria com Chico Buarque é particularmente emblemática. Desde 1992, Helder integra a banda do compositor e se tornou seu parceiro musical de longa data. A primeira música com Chico surgiu nas gravações de “Carioca”, em 2006: “Bolero Blues”, uma composição cheia de quiálteras — figuras que aceleram o andamento da melodia e provocam tropeços de notas e sílabas. O próprio Chico comentou em documentário sobre o disco: “O Jorge Helder me deu uma música impossível de fazer a letra”. Essa relação se aprofundou ao longo das décadas: em 2024, Jorge Helder lançou o álbum “Samba e Amor: Jorge Helder Toca Chico Buarque”, uma homenagem aos 80 anos do com-

Jorge Helder, o gigante do contrabaixo

Músico das bandas de Chico Buarque e Maria Bethânia apresenta releituras jazzísticas de pérolas da MPB no projeto Tudo é Som



Divulgação

O contrabaixista Jorge Helder é um dos instrumentistas mais requisitados do Brasil

positor que reúne oito canções assinadas por Chico em novos arranjos. O disco, lançado pelo Selo Sesc, reforça a admiração de Helder nutre pelo amigo, mas também sua capacidade de reinterpretar o repertório com sensibilidade e inventividade.

Apesar do currículo extenso, Jorge Helder lançou apenas um disco autoral em 40 anos de carreira — contra mais de 350 gravados com outros compositores. A demora, ele conta, se deu pela dificuldade de juntar a quantia necessária para fazer um álbum. Lançado em 2020, “Samba Doce” reúne músicas de diferentes fases de sua carreira, incluindo parcerias com Chico, Renato Braz e o grupo Boca Livre. O álbum se ambienta no samba-jazz, gênero em voga no Brasil dos anos 1960, quando conjuntos como Zimbo Trio e Milton Banana Trio embalsamaram o ímpeto de modernização do país.

Filho de um funcionário público e uma professora de bordado, Helder descobriu a música graças à tia paterna, dona de uma escola de música. Aos nove anos, já tocava violão e, logo depois, passou ao bandolim. O encontro com o baixo ocorreu na adolescência, meio por acaso: como todos os meninos do colégio queriam tocar guitarra, o baixo elétrico sobrou para o garoto franzino.

Entre os medalhões da MPB, ele coleciona apelidos. Caetano Veloso o chama de “doce Jorge” e Chico, de “são Jorge”. Caetano o considera “um dos pontos altos da nossa música popular”. Os trabalhos com Maria Bethânia começaram no início dos anos 1990; em 2015, Helder se tornou diretor musical da cantora, tendo produzido o álbum “Noturno”. “Ela confia em mim, mas não fujo da exigência dela”, admite. “Tudo o que ela me pede eu tento fazer.”

A apresentação de sexta-feira no Manouche contará com a participação dos músicos Marcelo Martins, Paulo Calazans, Jurim Moreira e Armando Marçal. O formato de encontro e improviso, que caracteriza o projeto “Tudo é Som!”, promete uma abordagem menos convencional do repertório de Chico e Djavan, com ênfase na exploração instrumental e nas possibilidades do jazz brasileiro — gênero que, historicamente, sempre dialogou com a música popular brasileira de forma orgânica.

SERVIÇO

TUDO É SOM — JORGE HELDER

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

10/7, às 20h30

Ingressos: R\$ 200 e R\$ 100 (meia e ingresso solidário, — com doação de 1 quilo de alimento não perecível ou livro, que será repassado a comunidades carentes)

AFFONSO NUNES

O pianista e compositor Marvio Ciribelli abre o segundo semestre com uma série de apresentações que percorrem palcos do Rio de Janeiro e Minas Gerais, resgatando o repertório que marcou o samba jazz e a bossa nova brasileira. A programação começa neste fim de semana com a “Conexão Ibitipoca-Copacabana”, projeto que reúne músicos de diferentes regiões do país em torno de um repertório que vai de João Donato a Sérgio Mendes.

Nesta sexta (10), às 21h, no Beco das Garrafas, Ciribelli recebe o violonista e arranjador Hérmanes Abreu, realizador do Ibitipoca Jazz Festival, ao lado do baixista Cadu Pontes e do baterista Luisinho Sobral. O show traz composições de João Donato, Gilberto Gil, Tom Jobim e Baden Powell, nomes que ajudaram a consolidar o movimento musical que emergiu no final dos anos 1950.

No sábado (11), às 18h, a apresentação se desloca para Niterói, no Big Boss Bistrô, em Icaraí, onde Ciribelli recebe a cantora Isabella Antunes, mantendo a formação com Pontes e o percussionista Lucca Machado. No domingo (12), o músico retorna ao Beco das Garrafas com a mesma dupla para homenagear Luiz Eça, Caetano Veloso, João Gilberto, Marcos Valle, Ivan Lins e Sérgio Mendes.

A agenda prossegue na semana seguinte. No sábado (18), às 20h,

40 anos de carreira e muito fôlego

Marvio Ciribelli celebra data com uma série de shows no RJ e MG

Ciribelli desembarca em Teresópolis, na Casa de Cultura Adolpho Bloch, com Mauro Nogueira no baixo, o baterista Joás Rodrigues e Julio Rocha na percussão e vocal. No domingo (19), às 21h, volta ao Beco das Garrafas para receber a gaitista Waleska Sampaio, com Cadu Pontes e o violonista Danilo Pinheiro, em homenagem a Maurício Einhorn, Tom Jobim, Baden Powell e Ernesto Nazareth.

O destaque da programação é a participação de Ciribelli na 26ª edição do Ibitipoca Jazz Festival, em Conceição de Ibitipoca (MG), no sábado, 25 de julho, a partir das 21h30. Nesta apresentação, o pianista divide o palco com as cantoras Sheila Sá e Isabella Antunes, o percussionista Jakaré Garcia, o baterista Joás Rodrigues e o baixista Cadu Pontes.

Com mais de 40 anos de carreira, Ciribelli acumula apresentações em festivais internacionais como Montreux Jazz Festival (Suíça), Java Jazz (Indonésia) e Adelaide Fringe (Austrália), além de parcerias com músicos como o grupo holandês Focus e o vocalista inglês John Lawton, do Uriah Heep. Sua discografia inclui 18 álbuns gravados em seu próprio selo.



Divulgação

Marvio Ciribelli acumula apresentações nos meses de julho e agosto

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

FBC explode em brasilidade em novo álbum

A explosão de brasilidade de “Tambores, Cafezais, Fuzis, Guaranás e Outras Brasilidades”, o mais novo álbum de FBC, pode ser conferida nesta sexta (9), a partir das 22h, no Circo Voador. Com uma sonoridade que incorpora o rock e passagens de hardcore ao rap, o rapper mineiro apresenta 13 faixas que tratam o Brasil como conflito, e não como cenário.



Lanna Silveira

Tributo a Michael de volta ao Qualistage

Rodrigo Teaser está de volta ao Qualistage neste domingo (12) em data extra com seu “Tributo ao Rei do Pop”. O espetáculo celebra 14 anos de sucesso, com apresentações em 15 países com uma produção grandiosa e fiel ao legado de Michael Jackson com banda ao vivo, bailarinos, figurinos e coreografias idênticas aos originais, elevadores de palco, efeitos especiais e os maiores sucessos da carreira do astro. Esgotado.



Divulgação

Fausto Fawcett leva ‘Animakina’ à Baixada

O multiartista Fausto Fawcett leva aos palcos da Baixada, pela primeira vez, seu mais novo show, “Animakina”. No palco, música, poesia e imagens em tempo real se entrelaçam numa experiência sensorial conduzida ao lado de Paulo Beto nas guitarras e eletrônica, Mari Crestani no baixo, sax e voz e o VJ Jodele Larcher. Sexta (10), às 19h, no Sesc Nova Iguaçu.



Vinicius Giffoni/Divulgação

Thais Fraga em noite de bossa na Audio Rebel

Neste domingo (12), às 20h, a Audio Rebel recebe Thais Fraga com o show “Bossa & Jazz Vibes”, uma celebração ao encontro entre a bossa nova, o jazz e a MPB contemporânea. No palco, a cantora tem a companhia do trio formado por Ricardo Mac Cord (teclados), Rodrigo Villa (baixo) e Victor Bertrami (bateria) para apresentar um repertório requintado e envolvente.



Aloizio Jordão/Divulgação

CRÍTICA

TEATRO

|

A VIDA PASSOU POR AQUI

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O primoroso “A Vida Passou Por Aqui”, 10 anos em cartaz, arrebatou o Prêmio APTR de Teatro como Melhor Texto para Cláudia Mauro, além de indicações de Melhor Atriz e Melhor Dramaturgia Original. Alguns espetáculos são bem-sucedidos por algumas funções, aqui tudo converge para o acerto. A dramaturgia, das melhores do teatro nos últimos anos, é o portal que evidencia a delicadeza da amizade.

Silvia, professora e artista plástica, padeceu de um AVC, tornando-se solitária e amargurada, mas foi acolhida por Flóriano, faxineiro de costumes singelos, enriquecido de bom humor, transformando a dor que a vida pode açoiar em amparo, no qual regozija-se somente com a pureza de uma alma evoluída. Os dois afinaram-se ainda jovens e agora, décadas depois, o querido amigo a visita numa casa de repouso, discutem a doença de ambos, rememoram uma trajetória repleta de afetos e sobretudo de amor ao próximo. A autora nos presenteia com um flashback, que invade as lembranças, atestando que a vida é tragicômica por natureza.

A direção de Alice Borges intensifica esse envolvimento que a narrativa elabora, valorizando cada segundo da montagem. As passagens de cena são precisas. Orienta seu elenco, com apoio de Larissa Brascher, numa velo-



Cláudia Mauro e Édio Nunes em cena: dois intérpretes unidos de forma tocante

Encontro

de

almas

cidade admirável que teatraliza a obra, além de conduzir minimalisticamente seu espetáculo, favorecendo uma sintonia com a audiência.

Há uma pulcritude além da apresentação: a união dos intérpretes. É tocante e altamente ade-

quado ao contexto essa equalização de almas, pelas quais somos conquistados. Cláudia Mauro desenha, sem estereotipar, uma senhora angustiada, arquitetando emoções em tintas suaves, já que seu próprio texto organiza a tragicidade que a personagem

vivencia. A atriz, num outro diapasão, trafega nas memórias com exuberância. Édio Nunes está esufuziante, tamanho o prazer que transborda a personagem, além da entrega atoral. Recheado de camadas, o ator exhibe perfeito domínio cênico. Movimenta-se

quase nada quando encontram-se no asilo, mas uma dinâmica interior é produzida pelo talento dos atores. Os dois expressam uma corporeidade instigante, dançam animadamente, transmitindo uma satisfação incomensurável.

A cenografia realista de Nello Marrese localiza vários ambientes no mesmo plano, onde a luz de Paulo César Medeiros focaliza com sensibilidade os acontecimentos. Ana Roque entraja o elenco em tons pastéis no presente, como se a vida estivesse esmaecida, todavia aquece Silvia em tons avermelhados no echarpe, faixa no cabelo e sapatos, na metáfora do sangue vital que corria outrora nas entranhas da personagem. As coreografias de Édio Nunes são criativas. Chico Buarque, Elis Regina, entre outros, compõem a trilha sonora nostálgica e elegante de Claudio Lins e Patricia Mauro.

Inspirada pela própria história, a autora sinaliza-nos que a vida passa e que devemos aproveitar o aqui e o agora, porque nem todos são afortunados pela verdadeira amizade.

SERVIÇO
A VIDA PASSOU POR AQUI
Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899, São Conrado)
Até 30/8, sextas (20h), sábados (18h) e domingos (19h)
Ingressos R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

NA

RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Pio Figueiroa/Divulgação

Para lembrar Boal

Em cartaz até 18/7 no Espaço Cultural Sérgio Porto, o solo “Hamlet 16x8”, com Rogério Bandeira e direção de Marco Antonio Rodrigues, parte do livro “Hamlet e o Filho do Padeiro: Memórias Imaginadas”, autobiografia em que o dramaturgo Augusto Boal (1931-2009) revisita a infância, o Teatro de Arena, a prisão, o exílio e sua trajetória internacional. A cena vai peneirando os achados, os ditos e os quereres de Boal, representando toda uma geração do teatro brasileiro refundada no Teatro de Arena.



Divulgação

Contos machadianos

O espetáculo “Te Conto em Cena” encerra neste sábado (11) temporada no Teatro Correios Léa Garcia. Dirigido por Leonardo Simões, a produção apresenta seis contos de Machado de Assis em sessões temáticas inspiradas em textos como “A Cartomante”, “Missa do Galo”, “O Espelho”, “A Causa Secreta” e “O Enfermeiro” sem qualquer compromisso com a reconstrução histórica. Escritos pelo Bruxo do Cosme Velho ao longo do século XIX, os contos seguem atuais por explorar temas universais como desejo, vaidade, ciúme e poder.



Divulgação

Inteligência e coragem

Baseada na obra do autor britânico Roald Dahl já adaptada para o cinema, o espetáculo “Matilda” segue uma menina dotada de rara inteligência que encontra nos livros um caminho para imaginação e conhecimento. Vivendo em ambiente familiar que não a compreende, ela usa inteligência e coragem para superar desafios e acreditar em seu potencial. A montagem convida crianças, jovens e adultos a refletirem sobre autoconfiança e transformação pessoal. Em cartaz até 19 de julho no Teatro dos Grandes Atores.

CRÍTICA LIVROS | NÃO MEXA NESTE CELULAR

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O atraente horror que vem do Japão

Suspense sobrenatural + texto simples e direto = J-horror. Esta fórmula garantiu o sucesso absoluto das histórias contemporâneas de mistério que têm como base valores ancestrais dos japoneses, papas da criação na cultura pop. Elementos pouco afeitos ao universo ocidental – respeito à sabedoria ancestral, formalidade no tratamento até das pessoas íntimas, entre outros – são parte da composição narrativa de curiosas obras como a duologia “Não mexa neste celular” e “Não mexa neste arquivo” (Intrínseca, R\$ 67,90, os dois volumes), de Michito Chinen, ou a série “Casas estranhas”, do videomaker Uketsu.

As histórias incomodam, com seus textos bastante simples, que induzem o leitor a desvendar os segredos de crimes bem planejados ou a entrar no redemoinho de sérios problemas dos protagonistas. O andamento é acelerado e a leitura também é rápida, pontuada por referências da atualidade, explicadas em poucas palavras para os leitores. Esses vira-páginas vêm na medida para quem foi criado numa cultura bastante visual e com limitada abstração.

Não há qualquer semelhança com a literatura dos consagrados asunari Kawabata (Prêmio Nobel em 1968), Junichiro Tanizaki, Yukio Mishima, Abe Kobo e Kenzaburo Oe (Nobel em 1994), sequer do cultuado Haruki Murakami, com sua linguagem contemporâ-

nea e realismo fantástico.

Os autores do J-Horror estão bastante próximos do que foi chamado pelo mercado editorial norte-americano, entre 1920 e 1950, de pulp fiction, publicações impressas em papel de baixa qualidade, consideradas sublitteratura até o surgimento,

nos anos 1940, do Misterio Magazine de Ellery Queen. Dashiell Hammett, Cornell Woolrich, Raymond Chandler e Erle Stanley Gardner foram alguns dos escritores renomados que tiveram contos publicados no MM, elevando as bancas de revistas ao status de livrarias.

Se o pulp se caracterizou por tramas sensacionalistas, repletas de ação, com detetives, crime, terror e ficção científica, o J-Horror tem a delicadeza das narrativas orientais, inspiradas no folclore e histórias de fantasmas vingativos dos séculos XVII até XIX, focadas na fragilidade entre

a vida e a morte.

A maldade de alguns personagens não tem justificativa em traumas ou incidentes tenebrosos. Ela existe, apenas, sem qualquer razão lógica.

Para um leitor acostumado aos enredos repletos de viradas da literatura de suspense, o J-Horror nem sempre surpreende. O ritmo lento das descobertas permite intuir quem são os responsáveis pelos crimes. Causa estranheza, no entanto, a falta de punição para esses culpados, algo corriqueiro nessas histórias, como os intrigantes “Não mexa”, que podem ser lidos separadamente, mas que têm tramas complementares. O livro de bolso “Não mexa neste celular” tem as dimensões de um smartphone e ilustrações que são parte da narrativa. “Não mexa neste arquivo”, que obedece ao tamanho tradicional de um livro – ou de uma ficha de arquivo –, também apresenta a história com imagens, entre plantas arquitetônicas, cópias de artigos de jornal e fotografias, ao longo do texto. Se ao leitor não se exige muita imaginação, a curiosidade é aguçada nessas duas histórias sobre um local amaldiçoado que leva à morte quem o visita, depois de muito ser assombrado pelas aparições de uma criatura apavorante com o corpo coberto por olhos. Deixar de lado a leitura é muito difícil, que o digam os 140 mil exemplares da duologia, vendidos no apenas no Japão, em um mês de lançamento.



Divulgação



Um dos expoentes do J-horror Mikito Chinen acaba de lançar sua duologia no Brasil

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

PARA CONHECER ORIDES

Autora homenageada pela 24ª Flip, que ocupará Paraty este mês, Orides Fontela (1940-1998) é poeta aclamada e premiada pela crítica, mas pouco conhecida do público. A editora Hedra acaba de lançar novas edições de cinco de seus livros – “Transposição”, “Helianto”, “Alba”, “Rosácea” e “Teia” (entre R\$ 58 e R\$ 68). Cada volume tem apresentação de um especialista, entre eles Antonio Candido, Paulo Henriques Britto e Marilena Chauí, e textos de orelha inéditos de Verônica Stigger, Edmilson de Almeida Pereira, Fábio Weintraub e Marília Garcia. Apesar das dificuldades materiais que enfrentou, Orides era ferrenha defensora da absoluta autonomia no fazer poético.



Divulgação

LICÕES DO EXÍLIO

Um operário estrangeiro encontra alento para uma existência monótona e sofrida ao descobrir o amor de sua infância no exílio. A moça não o reconhece, mas ele está pronto a montar uma vida para ambos, sem lhe revelar sua própria origem ou que tiveram um passado em comum. A estranheza, o não pertencimento, a solidão e as dificuldades do imigrante, contrabalançados pela esperança estruturada na fantasia, são mostrados por Ágota Kristóf em “Ontem” (Nós, R\$ 70), novela em que demonstra sua própria experiência como exilada da Hungria na Suíça. Uma novela de terrível crueza sobre as dificuldades em sobreviver sem vínculos ou referências culturais.



Divulgação

CENSORES IGNORANTES

As gerações X, Y e Z até já ouviram falar da excepcional ignorância e corruptibilidade dos censores durante a ditadura militar. Em “Chame o ladrão – Como os artistas driblaram a censura do governo militar” (Record, R\$ 69,90), o jornalista Miguel de Almeida levanta histórias saborosas, como a da encarregada de censurar o semanário “O Pasquim”, que não resistia a doses de uísque oferecidas pelo cartunista Jaguar e a irreverência de Chico Buarque, que lançou sob o pseudônimo Julinho da Adelaide, sambas que não sofreram cortes pelo temido departamento do Ministério da Justiça. Sem novidades para os mais idosos, um livro a ser distribuído para seus netos!



Divulgação

Arte, nascimento, vida e morte

POR MAYARIANE CASTRO

A galeria A Pilas-tra, localizada no Guará II, recebe até 15 de agosto a exposição “Do Pó ao Pó”, do artista visual Romulo Barros. A mostra reúne trabalhos produzidos em diferentes linguagens e propõe uma reflexão sobre a morte como processo de transformação, a memória e os ciclos de renovação.

A entrada é gratuita e a programação inclui visitas mediadas, rodas de conversa e atividades educativas abertas ao público e voltadas também para escolas mediante agendamento.

Com curadoria coletiva formada por Belo e Bizarro, Júlia

Teodoro, Madá Granja, Ness e Tahak Meneguzzo, a exposição apresenta esculturas, instalações, pinturas, fotografias, gravuras e obras que transitam entre diferentes suportes.

Segundo a equipe curatorial, o conjunto foi organizado para discutir relações entre corpo, matéria, memória e transformação, explorando diferentes formas de representação da morte.

Rômulo Barros

Romulo Barros nasceu em Medeiros, no interior de Minas Gerais, em 1995. A produção artística do autor parte de referências ligadas ao artesanato, ao trabalho manual e à agricultura presentes na região onde cresceu.

Ao longo de sua trajetória, desenvolveu uma pesquisa que

Mostra “Do Pó ao Pó” reúne obras em diferentes linguagens para tratar da vida e da finitude

utiliza múltiplas linguagens e materiais para construir obras que relacionam aspectos simbólicos, materiais e espaciais.

A exposição reúne trabalhos bidimensionais e tridimensionais que utilizam diferentes técnicas e matérias-primas.

Entre as instalações está “Fissura”, obra em que um tecido molda um monte de feijões e transforma um material cotidiano em elemento escultórico. Ou-



O sentido da vida e sua relação com os processos naturais é o foco da exposição

tra instalação, “Pedrada”, explora procedimentos de escultura e assemblagem para discutir processos construtivos e a materialidade dos objetos.

Nas obras de parede, o artista incorpora relevos e elementos tridimensionais em trabalhos como “SOM SOM SOM”, “A Gota d’Água”, “Seta” e “Elos Entrelaçados”. A combinação de planos e volumes amplia as possibilidades de leitura das peças ao integrar

pintura, escultura e objetos em uma mesma composição.

Cimento e sangue

A pesquisa visual também inclui pinturas produzidas com materiais como cimento, sangue e veludo. Elementos gráficos recorrentes, entre eles setas, cruzes e círculos, aparecem em diferentes obras como componentes estruturais da linguagem desenvolvida pelo artista.



Trabalho de Romulo Barros une vários materiais e linguagens

“A terra dá, a terra quer”

Proposta é compreender a morte como parte dos processos naturais de transformação

A série fotográfica formada por “Intervenção” e “Olhos que a terra há de comer” complementa o conjunto expositivo ao abordar memória, registro e performance.

A proposta conceitual da mostra parte da discussão sobre diferentes formas de compreender a morte.

Um dos referenciais apresentados pela curadoria é o pensamento do intelectual Nego Bispo, desen-

volvido no livro “A terra dá, a terra quer”. A publicação aborda relações entre vida, morte, território e modos de existência, contrapondo perspectivas presentes em tradições eurocristãs às cosmologias de povos tradicionais.

Processos naturais

A partir desse diálogo, a exposição propõe compreender a morte não apenas como encerramento da vida, mas como parte dos processos naturais de transformação. A reflexão se estende aos ciclos da matéria, às relações entre corpo e natureza e às mudanças permanentes que atravessam indivíduos e comunidades.

O artista também aborda a morte a partir de sua experiência

como homem trans. De acordo com a curadoria, esse aspecto amplia a discussão sobre existência, permanência e memória em um contexto marcado pela violência contra pessoas trans no Brasil. A exposição, entretanto, desloca o debate da dimensão exclusivamente biográfica para uma reflexão mais ampla sobre transformações individuais e coletivas.

Segundo o texto curatorial, as obras evitam interpretações únicas e articulam diferentes temas simultaneamente. Questões relacionadas ao corpo, ao erotismo, à violência, ao afeto e à memória aparecem em diversas peças, permitindo múltiplas leituras a partir dos materiais empregados e das formas de apresentação.

POR MAYARIANE CASTRO

Enquanto a nova série de televisão baseada na obra de Harry Potter tem estreia prevista para dezembro, o universo criado por J.K. Rowling chega aos palcos de Brasília ainda em julho.

A companhia Bailacci Musicais apresenta “Um Reles Potter – O Musical” nos dias 25 e 26 de julho, no teatro do Colégio Madre Carmen Sallés, na Asa Sul. O espetáculo terá quatro apresentações, às 16h e às 19h, com ingressos entre R\$ 40 e R\$ 120.

A montagem é baseada em “A Very Potter Musical”, paródia criada por Matt Lang, Nick Lang e Brian Holden. A adaptação brasileira foi realizada por Rômulo Mendes a partir da tradução de Ricardo Taveira e Julia Stark.

O musical tem aproximadamente duas horas de duração, divididas em dois atos, e apresenta uma releitura da trajetória de Harry Potter desde sua chegada à escola de magia até o desfecho da saga.

A produção utiliza humor, música, dança e sapateado para reconstruir episódios conhecidos da série literária. O repertório reúne versões em português de músicas presentes na montagem original, entre elas “Dance Again”, “Missing You” e “Not Alone”. As canções conduzem a narrativa e acompanham a sequência de acontecimentos inspirados nos sete livros publicados por J.K. Rowling.

Para quem conhece

Segundo a produção, o espetáculo foi concebido como uma adaptação teatral voltada para o

Um Reles Potter – O Musical

Espectáculo inspirado na saga do bruxinho estreia em Brasília



Paródia das histórias de J.K. Rowling virou sucesso mundial

público que conhece a história do personagem, mas também pode ser acompanhada por espectadores que não tiveram contato prévio com a franquia. A estrutura narrativa resume acontecimentos dos livros em uma única montagem, utilizando recursos cômicos e referências ao universo da série.

O elenco é formado por 31 atores selecionados em audição realizada no início deste ano. O grupo passou por um período de preparação que incluiu ensaios de interpretação, canto, coreografia e construção das cenas. A direção geral e cênica é assinada por Rômulo Mendes, enquanto a direção musical é de Rick Taveira e a direção coreográfica de Tati Araújo. A preparação vocal ficou sob responsabilidade de Pedro Souto.

Paródia

De acordo com o diretor Rômulo Mendes, o processo de montagem envolveu meses de ensaios para adaptar o texto ao português e construir a dinâmica entre os atores e os números musicais. Segundo ele, a proposta foi preservar a estrutura da paródia original ao mesmo tempo em que aproximou o espetáculo do público brasileiro por meio da tradução das músicas e das referências culturais presentes na encenação.

Criada originalmente em 2009 pelo grupo norte-americano StarKid Productions, “A Very Potter Musical” tornou-se conhecida por apresentar uma versão humorística da história de Harry Potter.

Disponível gratuitamente na internet

Peça ganhou o mundo a partir da possibilidade de adaptação em várias línguas

O espetáculo ganhou repercussão internacional após ser disponibilizado gratuitamente na internet e passou a ser montado por diferentes grupos de teatro em diversos países, respeitando as condições de licenciamento da obra.

Bailacci

A versão produzida em Brasília integra a programação da Bailacci Musicais, companhia dedicada à formação e produção de teatro musical na capital federal. A instituição atua há 15 anos oferecendo cursos em diferentes modalidades de dança e teatro, entre elas ballet, jazz, dança contemporânea, hip hop, k-pop, street jazz, dancehall, forró, danças de salão, teatro e modalidades inclusivas. As atividades são realizadas nas unidades da Asa Sul e do Lago Norte, com aulas presenciais e online.



Companhia Bailacci adaptou a peça no Brasil

Nos últimos anos, a companhia também realizou montagens de musicais como “Meninas Malvadas” e “Bom Dia, Baltimore!”, reunindo elencos formados por alunos e artistas em formação. A proposta da escola inclui processos de audição, preparação técnica e produção de espetáculos abertos ao público.

“Um Reles Potter – O Musical” será apresentado no teatro do Colégio Madre Carmen Sallés, localizado na 604 Sul. As sessões ocorrem no sábado, 25 de julho, e no domingo, 26 de julho, sempre às 16h e às 19h. A classificação indicativa é livre. Os ingressos custam entre R\$ 40 e R\$ 120 e estão disponíveis para compra pela plataforma Sympla. Informações sobre o espetáculo também podem ser consultadas nos canais oficiais da Bailacci Musicais.